



Comunidades intencionais: poéticas de outras experimentações ontológicas

ClaudyAnne Rodrigues de Almeida¹

Resumo

Diante da trágica cena política contemporânea, especialmente no Brasil, a insustentabilidade do ambiente, das sociabilidades, dos modos de viver ocidental/capitalista, agravada pela pandemia de covid-19, esta pesquisa pretende investigar as potências de vidas/trajetos que se engendram e podem estar criando futuros possíveis. Esse trabalho é um recorte da pesquisa de doutorado em curso intitulada “Comunidades intencionais: poéticas, memórias e outra cultura espaço-cosmológica a busca de mundos possíveis”, que objetiva pesquisar/experienciar como alguns grupos estão materializando a possibilidade de outros modos de viver a partir de *comunidades intencionais* (*Ecovilas, cohousing, coliving, etc*). Apresento aqui uma contextualização sobre o tema, percepções pós pandemia sobre a ampliação da visibilidade e interesse no tema proposto, além de reflexões teórico-metodológicas, termos e categorias que sobressaíram como potenciais para embrenhar-se. Em meio à realidade distópica em que vivemos na contemporaneidade, visualizamos as *comunidades intencionais* como uma “ontologia possível” para se viver uma realidade viável e melhor que a expectativa apocalíptica, já que tais comunidades têm como filosofia e prática a regeneração dos ecossistemas naturais e econômicos, revalorização de saberes tradicionais, qualidade das conexões e fluxos da natureza/do natural, a partir de espacialidades comunitárias e processos colaborativos.

Palavras-chave: comunidades intencionais, cultura regenerativa, estética comunitária, mundos possíveis

“Não buscar o que se perdeu:
as raízes já foram arrancadas,
mas procurar o que pode renascer
nessa terra de erosão.”
(Ecléia Bosi)

1. Comunidades intencionais - contextualizando

Como o nome já sugere, comunidades intencionais são assentamentos criados com intenção consciente, grupos de indivíduos que se juntam com um sonho\objetivo\propósito de vida em comum. E que muitas vezes “funcionam como laboratório experimental de práticas regenerativas e comunitárias” (Dias *et al.* 2017: 84).

As ecovilas se tornaram mais visíveis a partir de 1995, com a criação da *Global Ecovillage Network* (GEN)². Dependendo do lugar e da situação, esse modelo também recebe

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – UFMT.

² *Global Ecovillage Network* em português significa Rede Global de Ecovilas. Lançada oficialmente em uma conferência da Organização das Nações Unidas em 1996, a GEN é a catalisadora de comunidades para um mundo

os nomes de *ecoaldeias*, *cohousing* (comunidades urbanas com casas individuais, mas espaços comunitários), *coliving* (comunidades urbanas que comungam da mesma habitação e podem até estabelecer copropriedade), *retrofit cohousing* (espécie de modelo urbano que adapta construções preexistentes), entre outros. (Dias *et al.* 2017: 86)

A definição presente no *site* da GEN para ecovila é: “uma comunidade intencional, rural ou urbana que é conscientemente projetada por meio de processos participativos de propriedade local em todas as quatro dimensões da sustentabilidade — social, cultura, ecologia e economia — para regenerar os ambientes sociais e naturais”.

As inspirações históricas das ecovilas são tão diversas quanto significantes. De acordo com Dawson (2015 *apud* Dias *et al.* 2017: 82), que as chama de ecoaldeias,

Os ideais de autossuficiência e investigação espiritual dos monastérios, *ashrams* e movimentos gandhianos; os movimentos ambiental, pacifista, feminista e os de educação alternativa dos anos 1960 e 1970; nos países afluentes, o movimento *back-to-the-land* e o de *cohousing*; e, nos países “em desenvolvimento”, os movimentos pelo desenvolvimento participativo e a apropriação de tecnologia.

Apesar da diversidade de origem e de nomes, é possível identificar algumas bases comuns das Comunidades intencionais, como a motivação comunitária, a práxis de resistência e o fato de muitas serem centros de investigação e formação com intento de influenciar através de educação, “relocalização econômica, alívio da pobreza, justiça global, respeito pela diversidade cultural, ambiental e espiritual e evolução de uma cultura pós-consumista.” (Dawson 2013 *apud* Dias *et al.* 2017: 83).

Dias *et al.* (2017: 85) citam diversos exemplos de ações de Comunidades Intencionais pelo mundo:

A Ecovila de Los Angeles (LAEV), EUA, se estabeleceu em uma conturbada periferia urbana, procurando ajudar a “recuperá-la”; posteriormente, co-fundou um amplo movimento pró-bicicletas na cidade (Boyer 2015; Litfin 2014). A Ecovila de Ithaca (EVI), EUA, por meio de parcerias governamentais, envolveu-se em projetos para criação de um centro de treinamento agrícola e de modelos de zoneamento e códigos de construção *climate-friendly* (Litfin 2014). Auroville, na Índia, participa de projetos de conservação e restauração ecológica de âmbito estadual, emprega alguns milhares de pessoas dos vilarejos pobres circundantes em suas “indústrias caseiras” e sustenta programas culturais, de alfabetização e microcrédito

regenerativo. Segundo o *site* da Rede, “GEN é uma rede crescente de comunidades regenerativas e iniciativas que unem culturas, países e continentes. GEN constrói pontes entre formuladores de políticas, governos, ONGs, acadêmicos, empreendedores, ativistas, redes comunitárias e indivíduos com mentalidade ecológica em todo o mundo, a fim de desenvolver estratégias para uma transição global para comunidades e culturas resilientes”. Disponível em: <https://ecovillage.org/about/about-gen/>. Acesso em: 02 mai. 2021.

voltados a essas populações (Litfin 2014). Diversas ecovilas criam e fomentam também modelos locais e regionais de agricultura sustentada pela comunidade (*Community Supported Agriculture – CSA*), em que se divide o risco da produção com os agricultores (Litfin 2014) e se criam redes de comércio justo – é o caso de EVI (Kirby, 2003; Litfin 2014), Cloughjordan (Cunningham; Wearing 2013), Yarrow (Canadá) (Newman; Nixon, 2014), Findhorn e Earthaven (EUA) (Lockyer 2010). Zegg (Alemanha) tomou parte nos esforços de paz entre israelenses e palestinos (Litfin, 2014); Findhorn na Escócia (que é considerada a primeira, maior ou mãe de todas), por sua vez, consolidou importantes parcerias com a ONU (Forster; Wilhelmus 2005) [...] Existem também projetos que visam a transformar vilarejos tradicionais rurais em comunidades sustentáveis – é o caso do programa governamental “*Chinese Ecological Agriculture*” (Sanders 2000) e do Senegal que tem até uma Agência Nacional para Ecovilas.

Existem também projetos de assistência social como o Nashira, na Colômbia, comunidade formada para mães solas de baixa renda vítimas de violência e deslocamento forçado (Burke e Arjona 2013 *apud* Dias *et al.* 2017: 88). Há, ainda, *cohousings* específicos para idosos sem família (mas com renda fixa) com atividades apropriadas ao objetivo geral de regenerar os sistemas produtivos nos três âmbitos (ambiental, social, subjetivo).

Metcalf (1995 *apud* Pires 2012: 14) dá uma clara definição do objeto desta tese, chamado pelo autor de ecoaldeias: “é por **este impulso para viver em comunidade, que não é definido pelo parentesco ou etnia, mas pela partilha de valores e de uma missão** que estes coletivos se designam de Comunidades intencionais”. (grifo meu)

A filosofia da maioria das comunidades intencionais está baseada na permacultura, que tem como um de seus princípios a transformação a partir do agora, como se pode e com o que se tem. De acordo com o Instituto de Permacultura (Ipoema),

a permacultura consiste no planejamento e execução de ocupações humanas sustentáveis, unindo práticas ancestrais aos modernos conhecimentos das áreas, principalmente de ciências agrárias, engenharias, arquitetura e ciências sociais, todas abordadas sob a ótica da ecologia. Os principais aspectos da permacultura são: um sistema para a criação de comunidades humanas que integra design e ecologia; aplicável a situações urbanas ou rurais; Toma os sistemas naturais como modelo e trabalha com a natureza para projetar ambientes sustentáveis que possam prover as necessidades humanas básicas, bem como as infraestruturas.

Se as infraestruturas como experimentações ontológicas tem capacidade de refazer formas de sociabilidade, paisagens, solucionar problemas humanos e não humanos (Jensen 2015: 83), a permacultura também contempla tal propósito, mas aparecendo com relação pré estrutural, como filosofia de vida, pois a ideia é dar conta das necessidades humanas, ao mesmo

tempo que se percebe as mesmas em sua radicalidade. Ou seja, questiona-se quais são as reais necessidades humanas, onde está a natureza das necessidades, o que realmente se precisa para viver bem, de forma que tende a diminuir essas necessidades, facilitando, não criando necessidades para necessitar delas depois, como a lógica capitalística insiste (celular cada vez mais potente, likes das redes sociais, etc.).

2. Um apocalipse de problematização - Existe futuro possível? Ou: outro mundo é possível?

A ideia da pesquisa surge em meio à trágica cena contemporânea, o contexto político de ultraconservadorismo conquistando poder pelo mundo, revolta da natureza com devastadores efeitos nas mudanças climáticas³, crise econômica estrutural de proporções internacionais, discursos de ódio, perda de direitos, de vidas, corpos, desejos e amores censurados. Entendemos assim, como urgente pensar formas não só de resistência, mas de enfrentamento, de desvio e brechas do caos insistente. Assim, a pesquisa investiga as potências de vidas/trajetos que se engendram e propõem criar alternativas societárias, outras experimentações ontológicas a partir de comunidades intencionais.

Um planeta cada vez mais superpopuloso repetindo modelos fracassados de um sistema econômico que estimula a competição, o individualismo, o neoextrativismo e a financeirização, acaba por frustrar a permanência da sociedade humana e não humana na Terra. Essas previsões apocalípticas evocam a questão-problema que fomenta esta pesquisa a pensar outros modos de habitar o mundo, questionar a subjetividade normalizada contemporânea que não dá conta da vida. Ressoar vozes de novas perspectivas de mundos, ontologias emergentes, práticas oposicionistas ao atual *status quo*, narrativas desviantes.

A ecologia das infraestruturas pensadas como experimentações ontológicas incita o encontro de vários agentes que se envolvem, conflitam e “produzem novos mundos” (Jensen e Morita, 2015). Venho prestando atenção se são “novos” mundos ou “outros” mundos. Sem medição de valor, novo ou outro, sabemos que já são ideias não só importantes para levar ao debate acadêmico, mas também essenciais para a crise do antropoceno, a crise humanitária que estamos vivendo.

³ O que alguns povos tradicionais e os permacultures chamam de *Insurreição da natureza* - ano passado 2020 tivemos a pior seca da história (desde que o fenômeno começou a ser medido em 1910- Fonte: Agencia nacional de águas, Cemaden e Nasa), 2021 crise hídrica, cogitou-se inclusive apagão.

Claro que estamos falando de “mundos” subjetivos, o que não por isso seja menor ou menos importante, até porque, de acordo com alguns autores como Lazzarato (2006), a criação da narrativa já é a existência de um possível.

Pensar novos mundos ou outros futuros possíveis ocupa presença intensa no pensamento acadêmico e popular contemporâneo. Fonte de inspiração de distopias na sétima arte⁴, em pensamentos de povos tradicionais, como em *Ideias para adiar o fim do mundo* – Ailton Krenak (2019), *A queda do céu* – Davi Kopenawa (2016), *Ecofeminismo* - Vandana Shiva (1993), assim como o paradigma *Sumak Kawsay do bem viver* que recupera a cosmovisão quechúa, suas propostas de transformação civilizatória dos mundos, além da dedicação intensa em inúmeras teses e pesquisas acadêmicas. As perspectivas de respostas, me parece, uma questão de penetração ideacional, ideologias de crença na fundação de contrato social lockeano ou houbesiano, o homem ser “mau” ou “bom” por natureza, pois dependendo do que se acredita nessa fundação de um pensamento filosófico está a base de esperar ou seguir o bonde da finitude acelerada.

Tanto o ST23 - *Infraestruturas e ecologias em crise: reflexões do tempo presente e de alianças futuras* - quanto o próprio tema da VIII REACT– *Alianças para outros futuros* - remete à preocupação sobre futuros possíveis, de possibilitar mundos, de existir futuro para humanidade. Já que, sabemos que o mundo provavelmente continua, já os humanos nele é que está mais que ameaçado. O planeta se sustenta na perspectiva mais prática, os insumos dele necessários para a sobrevivência humana é que está ameaçada pelos próprios humanos.

Sendo assim, no enunciado “um outro mundo é possível?” trago Lazzarato (2006, p. 21) que diz que a expressão em si não descreve nada, não representa os corpos, mas manifesta uma nova existência, cuja eficácia se mede no devir dos corpos que ela torna atuais. Ao falar, ao comunicar, conferimos certa realidade ao mundo possível. O acontecimento pode criar a possibilidade de um novo objeto, uma nova política-mundo. Jensen e Morita (2015: 85) afirmam que as infraestruturas são certamente as formas mais poderosas para compreender os “potenciais (culturais) para transformar as formas políticas dominantes”. Hetherington (2019) assume que o antropoceno exige que inventemos outras formas de estar no mundo e outras formas de fazer política. As ecovilas são por si acontecimentos de possíveis, pois traz não só uma narrativa, mas práticas políticas contra hegemônicas. Traz propostas de uma nova cultura,

⁴ Ao vislumbrar futuros pessimistas “improváveis”, acionam a perspectiva contrária também, assim como o que não deve ser feito para chegar naquela paisagem. Exemplo: *Back Mirror*, *The handmaid's tale*, etc.

a permacultura (a cultura da permanência), propostas de outras formas de nos relacionarmos com o mundo, com o outro e conosco.

A pesquisa então se encontra no desvio, na presentificação de futuros possíveis, nas brechas do caos para imaginar narrativas e práticas possíveis, ontologias emergentes, assim como o resumo do ST provocava: “como podemos viver de forma diferente?”. As comunidades intencionais abarcam tais perspectivas, no mínimo como sonho/desejo, representam novas experimentações ontológicas e alianças em curso.

3. Algumas observações imersas no mundo virtual pandêmico

Partindo do objetivo central que é pesquisar/experienciar como alguns grupos estão materializando a possibilidade de modos de viver outra cultura espacial e cosmológica a partir de *comunidades intencionais*, me encontro no percurso de investigação das percepções macrossociais sobre o tema. A pesquisa começa durante a pandemia, então me debrucei pelas redes sociais de diversas ecovilas do Brasil, redes de apoio e afins da filosofia do *bem viver* e da permacultura, institutos de permacultura e bioconstrução, grupos de pesquisadores, redes globais de ecovilas, de assentamentos sustentáveis e comunidades intencionais. A partir dessa aproximação inicial e da pesquisa teórica, me organizo para o campo empírico em breve.

A partir da deflagração da Pandemia do covid-19, muito tem se falado sobre o “**novo normal**”. Percebeu-se como somos pouco ou nada autossuficientes em relação ao alimento e às necessidades básicas. Não produzimos nem o básico do que consumimos.

Considerando a lógica de tornar o próprio ser humano algo inútil, a falta de laços comunitários, a lógica tóxica do agronegócio, do monopólio de produtos como insumos hospitalares e de vacina pelas grandes corporações, demandas relativas à revalorização da natureza e a reflexões sobre a lógica do lucro, sobre as relações de trabalho se ampliam no discurso global. No ano de 2020, inúmeros trabalhos passaram a ser publicados indicando exatamente que as previsões dos defensores da permacultura e da agroecologia se tornaram evidentes durante a pandemia. (Altieri e Nicholls 2020; Gemmill-Herren 2020; Duncan, Rivera-Ferre e Claeys 2020 *apud* Claudino 2020: 11). Que o mundo só é possível com regeneração dos sistemas produtivos.

Entretanto, não surgiu somente depois da pandemia o alerta sobre a insustentabilidade do nosso sistema econômico e social. A ciência e a oralidade de populações tradicionais vêm

advertindo há tempos sobre a incompatibilidade do nosso modelo de vida com os fundamentos e recursos da natureza⁵.

Discursos comuns na oralidade de populações tradicionais se materializam nos escritos do filósofo indígena Ailton Krenak (2019). O autor, que também traz esse alerta desde sua performance na Assembleia Constituinte em 1987, desvela o mito da sustentabilidade num sistema consumista, predatório, que polui e esquenta o planeta. Nesse sentido, afirma que é da afetação pelo outro que pode sair uma compreensão comum, dos herdeiros da memória resgatada dos povos ancestrais⁶, uma compreensão que pode contagiar os outros com outra percepção da vida aqui na Terra. Na abertura do VIII um professor fala sobre a “propagação por contágios”, forjar alianças, creio que essa perspectiva é potencial na fala do autor, assim como nessa pesquisa.

O termo “sustentabilidade” perde mais sentido durante a pandemia. A crítica sobre o termo “sustentabilidade” ou, ainda pior, “desenvolvimento sustentável” é premente em diversos autores contemporâneos. Daniel Wahl (2020) apresenta o conceito de *cultura regenerativa* para propor avançar na ideia de sustentabilidade. Tendo em vista a aceleração das mudanças climáticas e das catástrofes ambientais, já não basta criar compensações para os desgastes. Aspirar a sustentabilidade é tentar sustentar justamente o padrão que conecta e fortalece todo o sistema atual. Seria continuar a “mudar o penso em vez de pensar a mudança”. (Latouche 2009: 9). Acreditando na educação, no *design* e na vida comunitária, Wahl (2020) apresenta como parar de mirar a certeza de controle e como trabalhar cocriando com uma amplitude de esferas de *culturas regenerativas*, conceito central para as comunidades intencionais.

Com o visível aprofundamento das desigualdades, as angústias e indefinições colocadas pela pandemia, o tão desejado retorno “à normalidade” é muito esperado por uns e, para outros,

⁵Latouche (2009: XIV) cita diversos relatórios internacionais: “da declaração de Wingspread (1991) — declaração de vinte e dois biólogos denunciando os perigos dos produtos químicos; do Chamado de Paris de 2003 — declaração internacional para alertar os perigos sanitários provocados pelo crescimento econômico; do Millennium Assessment Report (2005) — relatório da ONU baseados no trabalho de 1360 especialistas de 95 países, que demonstra que a atividade humana abusa das capacidades de regeneração dos ecossistemas a ponto de comprometer os objetivos econômicos, sociais e sanitários fixados pela comunidade internacional para 2015...”. Entre tantos outros, o *homo economicus* e a sociedade moderna “são questionados pela sociologia de Émile Durkheim e de Marcel Mauss, pela antropologia de Karl Polanyi e Marshall Sahlins, pela psicanálise de Erich Fromm ou Gregory Bateson”. (Latouche 2009: 12). Os limites físicos do crescimento econômico encontram fundamento científico também nas ciências exatas: “Sadi Carnot e sua segunda lei da termodinâmica em 1824”, o matemático, economista e estatístico Nicholas Georgescu-Roegen vê a “impossibilidade de um crescimento infinito num mundo finito” por isso a necessidade de pensar a economia no seio da biosfera. (Latouche 2009: 13).
⁶ Sobre a revalorização do saber tradicional, Calabrese cria o termo *deslocamento*, que consiste em “atribuir ao que foi desvelado do passado, um significado a partir do presente, ou proporcionar ao presente, um significado a partir do que foi desvelado no passado” (Calabrese 1987: 193).

iluminou sonhos de mudar o “antigo normal” (que estava “doente” até para o Papa Francisco⁷) e construir “novos mundos possíveis” com uma sociedade mais justa, reativa e humanizada. Se por um lado o individualismo foi acionado, por outro, uma sensação de despertar para a importância da boa relação com a natureza parece se mostrar urgente. Outra relação com o outro também, até porque não existe “problema ambiental”, existem sintomas no meio ambiente que confirmam os problemas humanos. Os dias de *lockdown* da pandemia expuseram a interdependência entre os povos e a falácia do acúmulo individual, já que, até mesmo para a lógica do capital, a pausa na mão de obra dos mais despossuídos sustou, momentaneamente, a lógica do giro econômico, uma pequena e rápida amostra de autofagia.

Uma busca rápida no *Google* é possível encontrar diversas notícias que confirmariam tal perspectiva. Os termos *neorurais* e *êxodo urbano* se colocam em evidência. *Composteira*, *horta*, *solidariedade* são alguns dos termos mais procurados na internet durante a pandemia em 2020, ficou nos *trends tops* da plataforma⁸.



Figura 1 Trends topics do Google

Fonte: Colagem da própria autora.

⁷ Em audiência geral no dia 30/9/2020, o Papa Francisco clama para que Jesus ajude a: “ouvir o seu grito e o grito da terra que lhe faz eco (...) Poderemos regenerar a sociedade e não voltar à chamada ‘normalidade’, que é uma normalidade doente, que estava doente antes da pandemia. A pandemia a acentuou. Esta normalidade era doente de injustiça, desigualdade e degradação ambiental”.

⁸ Disponível em: <https://akatu.org.br/buscas-do-google-indicam-uma-tendencia-a-comportamentos-de-consumo-consciente/> Acesso em 3 mar. 2021.

A crise gerada pela covid-19, nos dias iniciais, parece ter gestado algumas formas comunitárias, associativas, colaborativas na falta de políticas públicas e na emergência da circunstância. Numa pesquisa bem recente e urgente, Fábio Sanchez (2021: 405-406). afirma:

As incertezas, angústias e indefinições que a pandemia nos coloca, [...] parecem/podem apontar para novas formas de solidariedade, novas possibilidades, novos possíveis. [...] De fato, a pandemia parece estar gestando várias formas associativas e coletivas que – nas brechas da “falta” de política pública de saúde, educação e seguridade – estão sendo criadas, muitas delas enraizadas em formas populares de sociabilidade já correntes. [...] como fomento da produção local, hortas comunitárias, bancos comunitários, empresas recuperadas, etc.

Outra situação que se destacou foi a de famílias se deslocando para as chácaras, sítios dos parentes, bem como a de buscas por aluguel em cidades pequenas, mais conectadas com a natureza. Uma pesquisa da *The [Harris Poll](#) surveys* indicou que, nos Estados Unidos, desde o início da pandemia, quase 40% das pessoas que vivem nas cidades já consideraram se mudar para fugir das cidades densas⁹. Em Chapada dos Guimarães, uma pequena cidade próxima da capital de Mato Grosso, conhecida pela intensa relação com a natureza, as buscas por aluguel de casas foram tantas que, entre agosto a novembro de 2020, não havia nenhuma casa para alugar mensal¹⁰.

⁹ Disponível em: <https://theharrispoll.com/the-harris-poll-covid19-tracker/>. Acesso em: 20 fev. 2021. Também Renato Ortiz sustenta que há uma “recuperação” de um gosto tradicional pelo público considerado “civilizado” e atualizado. Adornos mais simples, voltados ao natural, ecológico, certo saudosismo do passado, são cada vez mais procurados e ressignificados. Essa busca pelo ecológico/natural, na visão de Renato Ortiz, é o símbolo dominante de um suposto “pós-modernismo”, no qual a ideia de ultrapassar a modernidade é o projeto de justiça social em que a questão ecológica é o ponto central.

¹⁰ Busca pessoal, de acordo com os corretores da cidade.

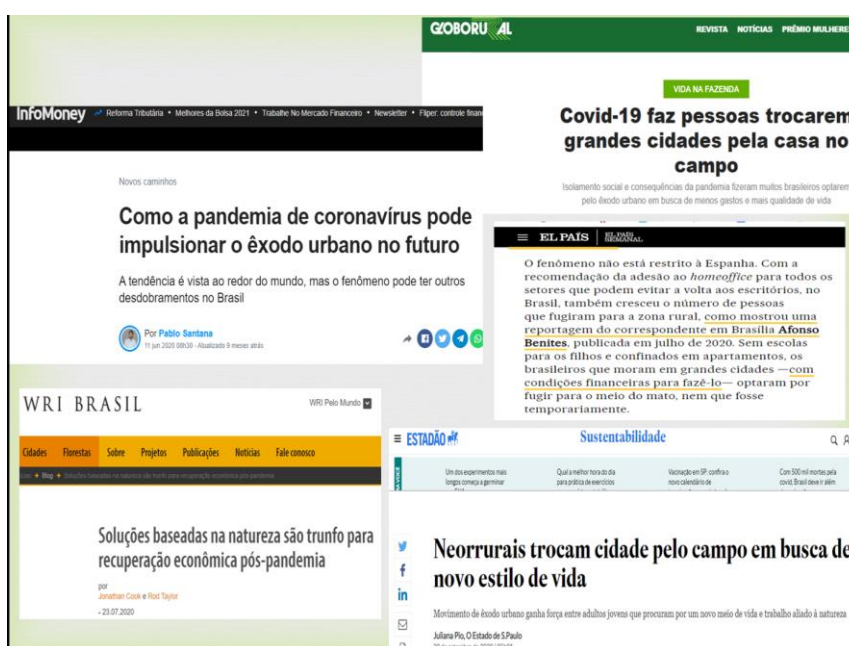


Figura 2 Trend topics do Google
Fonte: Colagem da própria autora.

Alguns representantes de ecovilas com os quais fiz os primeiros contatos, também enfatizam o crescimento na procura por programas de hospedagem e cursos de agroflorestal, bioconstrução, agroecologia, horta caseira, sítio rentável, retorno à natureza, etc. A sistematização desses dados está em processo.

4. Uma breve revisão bibliográfica

Alguns conceitos e teorias têm contribuído muito para pensar o objeto dessa pesquisa. O bem viver (Acosta 2016), Agenciamento de possíveis (Lazzarato, 2006), Ecosofia (Gattari, 1993) são alguns deles.

A categoria que se destacou até o momento é a noção de **comunidade**. Pensamos então comunidade como estética comunitária, ou necessidade de laços afetivos primários.

Metcalf (2015 *apud* Pires 2012: 14) trouxe uma reflexão essencial ao afirmar que é o “impulso para viver em comunidade, que não é definido pelo parentesco ou etnia, mas pela partilha de valores e de uma missão”. Um fato bastante relevante para esta pesquisa é descobrir de onde veio ou qual a preocupação original das Comunidades Intencionais. De acordo com Dawson e Chitewere (*apud* Dias *et al.* 2017: 89) o movimento de *cohousing* – uma das inspirações das ecovilas – se origina com **preocupações ligadas à formação de vínculos comunitários**. Esse fato foi essencial para definir o objeto de pesquisa, já que primeiro veio a

tentativa de superar a fragilidade dos laços afetivos e comunitários e, posteriormente, ou como consequência, vem se reorientando em direção à responsabilidade ambiental (Sanguinetti 2012 *apud* Dias *et al.* 2017: 89). A GEN reforça que o coração de uma ecovila é a comunidade.

Pensar o conceito de comunidade é categórico então.¹¹ Uma das bases dessa discussão é o conceito de bem viver, que Alberto Acosta (2016) tenta traduzir no livro *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. O conceito de bem viver recupera a cosmovisão dos povos indígenas, suas propostas de transformação civilizatória dos mundos indígenas equatorianos e bolivianos, andinos e amazônicos. Assim, de acordo com o autor, “se apresenta como uma oportunidade para construir coletivamente uma nova forma de vida” (Acosta 2016: 23).

Atualizando a lógica de comunidade de Acosta (2016), me parece que Lazzarato (2006) vai além ao pensar os agenciamentos coletivos também como “diversidade de maneiras de estar junto”. Na origem das comunidades intencionais se conjuga o sentimento comum de multiplicar as atitudes e *modos de estar junto*. Nos *designs* de ecovilas, assim como o projeto infraestrutural tem os espaços coletivos como centralidade. Assim como as programações cotidianas o estar junto é base fundamental.

É inevitável contar com a noção de *communitas* de Victor Turner (2013) aqui. A ideia parte da noção de estrutura e anti-estrutura. A *communitas* seria experiências prolongadas de liminaridade, ou seja, de antiestrutura, de suspensão das regras cotidianas, suspensão da estrutura. As comunidades intencionais pois poderiam ser pensadas como experiências de *communitas* na medida que passam pelo rito de separação da ordem hegemônica, do sistema mundo capitalístico/ocidental para se estabelecer em outra lógica cultural. “*Communitas* é um tipo de relacionamento social que marca um modelo não estruturada, muitas vezes utópicas” (Turner 2013: 164).

A propósito, outro aspecto que se destaca é o aspecto do sonho, ou de utopia como método¹². Os depoimentos de moradores sempre abordam que buscaram um ‘sonho’, que se ‘sonha junto’, pairando uma dimensão onírica de desejo e fantasia nas falas. Os autores Jensen e Morita (2015) destacam que as infraestruturas “emergem e armazenam dentro deles formas de desejo e fantasia e pode assumir aspectos de fetiche”(Lakin *apud* Jensen e Morita 2015:

¹¹ Acosta também corrobora: “o mundo tem que ser recriado a partir do âmbito comunitário” (2016: 26). Assim como Célia Morão: “(Re)inventar maneiras de viver que (re)integrem o espírito de comunidade, troca, solidariedade, partilha, tornando as relações sociais mais profundas e confiáveis”. (2017: 112)

¹² Levitas (2013) revisa o conceito de utopia entendendo como Desejo, sendo então uma forma “legítima e existente de **conhecimento** de futuros possíveis”. (*apud* Teixeira 2016: 262).

329). Numa entrevista informal com uma moradora de uma grande ecovila do Brasil, ela conta sobre algumas dificuldades, mas ainda assim surpreende como as pessoas se fascinam pelo ambiente total, que vão para visitar mas acabam morando, ficando, demorando. Além da questão do fetiche, Jensen ainda diz: “as pessoas têm relações "profundamente afetivas" com a infraestrutura e "os **sentimentos de admiração e fascinação** que elas estimulam é uma parte importante de seu **efeito político**” (Jensen e Morita 2015: 334)

O debate acerca da ecologia das infraestruturas na antropologia, traz questões essenciais para essa pesquisa. Alguns autores de referência afirmam: “As infraestruturas podem ser pensadas como “experimentações ontológicas” (Jensen e Morita 2015), ideia essa que dispara uma gama de possibilidades, principalmente a partir da perspectiva de experimentações. A ideia e conceitos de **experiência** é cara a esse trabalho e tema de pesquisa. Primeiramente, pela metodologia proposta que é a cartografia afetiva (refletida em Deleuze e Guattari (1995), desenvolvida por Rolnik (1989; 1986), Passos, Escóssia e Kastrup (2015)), que se baseia na experiência do pesquisador e a leva em conta como dado. Considerada como um antimétodo, a experiência é base de toda atividade de investigação e inclui-se na pesquisa a rede de forças nas quais pesquisador e objeto estão inseridos. Segundo, porque o objeto de estudo – comunidades intencionais - muitos a identificam como um **laboratório de práticas experimentais** de vida, de comunidade. Enfim, experiências com outros modos de viver, de habitar e de olhar para o mundo, experimentações ontológicas. Principalmente a partir da plantação, da relação com a terra, com a casa (bioconstrução e vivência coletiva), consigo (práticas de autoconhecimento, reconexão e espiritualidades), entre outros.

Experiência para Turner (1986) e Schechner (2006) evoca perigo, atravessar algo, “uma experiência atinge as profundezas do ser”. A decisão de morar em uma comunidade intencional, suspeitamos que atinge essa noção de experiência. “As emoções de experiências passadas dão cor às imagens e esboços revividos pelo choque no presente” (Turner 1986: 179). A ideia de infraestrutura como experiência ontológica fala sobre esse choque também. “É precisamente esta dimensão de surpresa que pretendemos destacar ao designar as infraestruturas como sistemas experimentais.” (Jensen 2015: 82)

Além das noções de comunidade, experiência, sonho, outras categorias analíticas como trabalho, parentesco, natureza x cultura, são os que se destacaram e podem ser chave de insights para defesa da tese.

5. Considerações gerais

Diálogos problematizadores sobre alternativas societárias, em relação às comunidades intencionais parecem substanciais, à medida que elas levantam questionamentos, reelaboram sentidos, discursos e subjetividades, produzem dissenso. As práticas do objeto de pesquisa subvertem os papéis sociais machistas do patriarcado, destronam o formato cristão colonizador único de parentesco, a lógica de crescimento industrial e acumulação como evolução e progresso, invertem a lógica iluminista de separação e domínio da natureza pelo homem, escapam dos discursos e estética hegemônicos construindo poéticas de empoderamento, de autossustentabilidade, bem como propondo outra lógica societária pluriversal. Por isso a perspectiva decolonial feminista ajuda na discussão. Aspira-se, assim como Lazzarato (2006), refletir se esses movimentos não estão apenas resistindo ou se defendendo, mas afirmando-se como forças criadoras.

Se a motivação desse trabalho está amparada em vislumbrar possibilidades, trago para finalizar, a escritora ecofeminista indiana Arundhati Roy que escreveu em seu livro *War Talk* : "Outro mundo não é apenas possível, ele já está a caminho. Em dias calmos, eu posso ouvi-lo respirar."

Referências

ACOSTA, Alberto. 2016. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante.

BARROS, Regina Benevides; PASSOS, Eduardo. 2015. "A cartografia como método de pesquisa-intervenção". In: ESCÓSSIA, Liliana; KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo (Org.). *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulinas, p. 17- 30.

CALABRESE, Omar. 1987. *A Idade Neobarroca*. Lisboa: Edições 70.

CLAUDINO, Livio Sergio Dias. 2020. *Impactos da pandemia de Covid-19 para a agricultura familiar paraense e a Agroecologia como um caminho para a superação*. UNIFESPA CONTRA A COVID-19. Unifesspa: Painel Reflexão em tempos de crise. Disponível em: <https://acoescovid19.unifesspa.edu.br/2-uncategorised/119-impactos-da-pandemia-de-covid-19-para-a-agricultura-familiar-paraense-e-a-agroecologia-como-um-caminho-para-a-supera%C3%A7%C3%A3o.html>. Acesso em: 4 mar. 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1995. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. I. São Paulo: Ed. 34.

DIAS, Maria Accioly; LOUREIRO, Carlos Frederico B.; CHEVITARESE, Leandro; SOUZA, Cecília de Mello e. 2017. Os sentidos e a relevância das ecovilas na construção de alternativas

societárias sustentáveis. *Ambiente & Sociedade*, [s.l.], 20(3): 81-98, set. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4422asoc0083v2032017>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/SBPN4Q3Mj6PmxDzbW6XsgBH/?lang=pt#>. Acesso em: 4 fev. 2021.

ESCÓSSIA, Liliana; TEDESCO, Silvia. 2015. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.

GLOBAL ECOVILLAGE NETWORK. [s.d.]. *About GEN*. Disponível em: <https://ecovillage.org/about/about-gen/>. Acesso em: 15 fev. 2021. Acesso em: 15 fev. 2021.

GUATTARI, Félix. 1990. *As três ecologias*. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, SP: Papirus.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. 1986. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes.

HETHERINGTON, K. (ed.). 2019. *Infrastructure, Environment, and Life in the Anthropocene*. Duke University Press.

JENSEN, C. B.; MORITA, A. 2015. “Infrastructures as Ontological Experiments”. *Engaging Science, Technology, and Society*, 1: 81-87.

KRENAK, Ailton. 2019. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

LADDAGA, Reinaldo. 2012. *Estética da emergência: a formação de outra cultura das artes*. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins.

LATOCHE, Serge. 2009. *Pequeno tratado do decrescimento sereno*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

LAZZARATO, Maurizio. 2006. *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

LEAL, Mara Lucia; ALCURE, Adriana Schneider; BACELAR, Camila Bastos; AZEVEDO, Maria Thereza. 2017. Pedagogias feministas e de(s)coloniais nas artes da vida. *Ouvirouver*, [S.L.], 13(1): 24-38, 25 maio 2017. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia. <http://dx.doi.org/10.14393/ouv20-v13n1a2017-2>. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/36982>. Acesso em: 20 out. 2019.

MAFFESOLI, Michel. 1998. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

MORÃO, Regina Célia Gonçalves. 2017. *Comunidades intencionais: velhos novos espaços de fuga*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Federal de Rondônia. Disponível em: <https://www.ri.unir.br/jspui/handle/123456789/1845>. Acesso em: 04 mar. 2021.

PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). 2015. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.

PIRES, Cristiana do Vale. 2012. *Ecoaldeias: construindo alternativas: estudo exploratório do movimento social das ecoaldeias através do global ecovillage network, Tamera e Los Angeles Ecovillage*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Instituto Universitário de Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/4991>. Acesso em: 05 fev. 2021.

ROLNIK, Suely. 1989. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade.

ROYSEN, Rebeca. 2013. *Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa*. 2013. 245 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-31072013-114650/en.php>. Acesso em: 03 fev. 2021.

SANCHEZ, Fábio José Bechara. 2020. “A nova fantasmagoria e as possibilidades da política: notas sobre a Pandemia”. *Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar*, São Carlos, 10(1): 399-409, jan./abr. Quadrimestral. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/934/pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.

SCHECHNER, Richard. 2006. *O que é performance?* (tradução de R. L. Almeida). “What is performance?”. *Performance Studies: an Introduction*. New York: & Londres: Routledge.

Teixeira, M. A. de A. 2016. “Utopia como método: a reconstituição imaginária da sociedade”. *Sociedade e Estado*, 31(1): 261–265. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6089> Acesso em: 10 fev. 2021.

TURNER, Victor W. 1974. *O processo ritual*. Petrópolis: Ed. Vozes Ltda.

WAHL, Daniel Christian. 2020. *Design de Culturas Regenerativas*. 2ª edição – Rio de Janeiro: Bambual Editora.